

Nº 11 JAN/JUN



A SUCESSÃO PRESIDENCIAL NAS CAPAS DO JORNAL *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*: UMA LEITURA DIACRÔNICA

Aldeir Gomes¹Valéria Severina Gomes²

RESUMO: Neste trabalho, analisamos um telegrama e três manchetes veiculados nas capas do jornal *Diário de Pernambuco*, em contextos histórico-sociais diferentes, com a divulgação de notícias de mesma natureza: a posse de um presidente do Brasil. Tendo como base os fatores formais, linguístico-discursivos e as Tradições Discursivas (TD) integrantes das capas do jornal, esta análise procura investigar as mudanças e as permanências que permearam a primeira página do *Diário de Pernambuco*, do século XIX ao XXI, no processo de veiculação compacta da informação jornalística. Para tanto, partimos das abordagens de Barbosa (2012), Bazerman (2005), Kabatek (2001), Pessoa (2002), Soares (2002) e Travassos (2010). Os resultados da pesquisa apontam para a possibilidade de aplicação dessa abordagem diacrônica de leitura e de escrita na sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: primeira página do jornal; tradição discursiva; telegrama; manchete.

RESUMEN: En este trabajo, analizaremos un telegrama y tres titulares que se presentan en las portadas de lo periódico *Diário de Pernambuco*, en diferentes contextos históricos y sociales, con el comunicado de prensa de la misma naturaleza: la toma de posesión de un presidente de Brasil. En base a los factores formales, lingüístico-discursivos y las Tradiciones Discursivas (TD) de las portadas de los periódicos, este análisis tiene por objetivo investigar los cambios y continuidades que impregnaron la primera página del *Diário de Pernambuco*, del siglo XIX hasta el siglo XXI en l proceso de distribución de información periodística compacta. Para tanto, partimos de los enfoques de Barbosa (2012), Bazerman (2005), Kabatek (2001), Persona (2002), Soares (2002) y Travassos

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), bolsista PIBID, desenvolvendo o projeto intitulado “Estudos Diacrônicos dos Gêneros Jornalísticos na Sala de Aula”.

² Professora do Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural de Pernambuco e coordenadora do projeto institucional intitulado “Tradição discursiva e letramento: a historicidade da língua(gem) e dos gêneros jornalísticos do século XIX aplicada ao ensino”.



(2010). Los resultados de la pesquisa nos dirigen para la posibilidad de aplicación de ese enfoque diacrónico de lectura y escrita en el aula.

PALABRAS-CLAVE: primera página de periódico; tradición discursiva; telegrama; titular.

1. Introdução

O jornal *Diario de Pernambuco* foi fundado em 07 de novembro de 1825. No decorrer do tempo, dessa data até os dias de hoje, várias alterações ocorreram na estrutura desse periódico em sua totalidade e que se refletiram na capa, parte imediatamente visível dos jornais. Nas capas ganham destaque as principais informações que serão veiculadas pelo jornal. Entre os seus elementos constitutivos e expressivos, Travassos (2010)³ verificou que, em seu percurso histórico, há itens que perduram como as manchetes, as chamadas, as fotos, existentes atualmente, e há elementos variáveis como os editoriais e os telegramas, que já foram estampados com evidência nas capas e que hoje não ocupam esse espaço ou ocorrem de forma esporádica.

As manchetes jornalísticas guardam traços de semelhança com o telegrama, que, por sua vez, é fruto da carta – gênero primordial das tradições discursivas do domínio jornalístico, conforme Pessoa (2002). Da mesma forma que os telegramas, com poucas palavras, faziam as informações circularem com rapidez, de um local para outro por meio das páginas dos jornais, as manchetes se encarregam de, também com poucas palavras, anunciar a informação principal e chamar a atenção do leitor para os assuntos tratados com mais detalhes no corpo do jornal. Com uma presença mais recorrente das manchetes nas capas a partir do advento do telégrafo, por volta de 1844 (TRAVASSOS, 2010), as manchetes assumem uma função importante na prática de leitura, ao sintetizarem uma informação mais ampla, e ganham realces na elaboração com letras grandes e em negrito para atrair a atenção dos leitores (BAZERMAN, 2005).

Segundo Marcuschi (2008, p. 161), “Os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício do poder”. Podemos observar nas capas, ou seja, nas primeiras páginas do jornal que, durante um bom tempo, especialmente na segunda metade do século XIX, o poder de redução da informação esteve centralizado nos telegramas. Tempos depois, as manchetes assumem esse poder de síntese nas primeiras páginas do jornal, tornando-se, muitas vezes, o único item lido da notícia ou a motivação para lê-la. De tal forma, abordaremos neste artigo a temática da sucessão presidencial, em quatro momentos históricos do Brasil, veiculados por meio do telegrama e das manchetes do jornal, com o intuito de observar as mudanças e as permanências que permearam a capa

³ Um estudo diacrônico detalhado sobre capa de jornal encontra-se na tese de doutorado de TRAVASSOS (2010).

do *Diario de Pernambuco*, do século XIX ao XXI, no processo de veiculação compacta da informação jornalística.

Para tal objetivo, serão analisados um telegrama e três manchetes do *Diario de Pernambuco*, de épocas e contextos histórico-sociais diferentes, noticiando posses presidenciais no Brasil. Os quatro exemplos retratam a periodização proposta por Travassos (2010), com as quatro fases de modificação das capas de jornal, de acordo com a predominância de certas características que estabilizaram o gênero. Serão observadas as principais diferenças encontradas no percurso desses gêneros textuais em uma linha temporal contextualizada que nos leva ao que hoje encontramos nas manchetes das capas de jornal. A nosso ver, esse percurso diacrônico de leitura é ainda pouco explorado no contexto escolar e pode oferecer, numa perspectiva interdisciplinar, muitos elementos de reflexão, passando pelas Histórias da língua, dos textos e do país. Histórias que podem e precisam ser ampliadas para além das páginas deste artigo.

Nessa perspectiva, as discussões serão feitas de acordo com a teoria de gênero textual defendida por Bazerman (2005, p. 38), que afirma que as características dos gêneros “estão intimamente relacionadas com as funções principais ou atividades realizadas pelo gênero.”; com o conceito de Tradição Discursiva (TD), ao considerarmos os gêneros textuais, em fontes diacrônicas, como “a materialização de um dos elementos do conjunto de Tradições Discursivas” (BARBOSA, 2012, p. 591); com o conceito de Letramento abordado em Soares (2002), no sentido de discutir que, ao longo do tempo, as práticas de leitura revelam diferentes letramentos. De tal forma, a análise do telegrama e da manchete consiste em uma pequena amostra da transformação sofrida pelo periódico em estudo e do desenvolvimento das tecnologias que aprimoraram sua funcionalidade. Nesse sentido, a discussão tem início com a contextualização dos quatro momentos históricos retratados nas capas do jornal por meio do telegrama e das manchetes, o que possibilitará a elaboração de uma linha diacrônica que retrata algumas das principais mudanças ocorridas na primeira página do *Diario de Pernambuco*, e segue com a transposição dessas discussões para o contexto das salas de aula, no tocante aos eixos da leitura e da escrita.

2. Contextualização

Por ser um produto comercial, os jornais necessitam de atrativos para serem vendidos e, ao mesmo tempo, necessitam acompanhar o dinamismo tecnológico. Boa parte desses atrativos concentra-se na capa, que historicamente é reconhecida por abrigar os gêneros que conseguem atrair os leitores. O editorial já ocupou esse espaço e foi deslocado para outros no corpo do jornal (GOMES, 2010); os telegramas também já serviram de chamarizes nas primeiras páginas. Atualmente essa função é assumida pelas manchetes, acompanhadas por uma ou mais fotos que chamem atenção do leitor. Esses exemplos evidenciam o dinamismo das práticas de letramento e atestam como a leitura do jornal, na perspectiva diacrônica, coloca o leitor diante da historicidade em suas múltiplas dimensões.

Neste artigo, estamos lidando com a dimensão da historicidade dos gêneros presentes nas capas, tomando como exemplo o telegrama e a manchete. Dentro dessa perspectiva, a operacionalização do conceito de Tradição Discursiva (KABATEK, 2001) respalda as nossas reflexões ao apontar para a mudança textual e linguística. Devido ao fato de as capas de jornal adotarem determinadas regularidades que seguem convenções culturais, sócio-históricas e linguísticas e poderem, inclusive, abrigar outras TDs, que também apresentam suas regularidades, esse gênero jornalístico é abordado mediante a noção de TD como “uma **abstração da cultura escrita** em uma dada sociedade **que identifica uma projeção histórico-discursiva** instituída a partir de normas textuais materializadas em um modo recorrente e continuado de uso de elementos linguísticos e epilinguísticos.” (BARBOSA, 2012, p. 594) (grifos do autor).

Travassos (2010), em uma análise aprofundada de diversas capas do *Diário de Pernambuco*, em dezoito décadas, subdivide-as em quatro fases, de acordo com a predominância de certas características que estabilizaram o gênero em seus diferentes contextos de produção:

- primeira fase - predomínio do texto escrito (1825-1890);
- segunda fase – presença de imagens, surgimento das manchetes e chamadas (1890 – 1950);
- terceira fase – valorização das imagens e da diagramação (1950-1990);
- quarta fase – capas na era da informática (1990-2005)

Partindo do entendimento desse dinamismo que envolve a constituição dos textos e, ao mesmo tempo, da capacidade de reconhecimento das continuidades por um determinado grupo social, passamos agora à análise das notícias de sucessão presidencial, veiculadas nas primeiras páginas do *Diário de Pernambuco* dos séculos XIX ao XXI.

2.1 Diário de Pernambuco: 17 de novembro de 1889

No ano de 1889, o Brasil culminava um processo marcado por um contexto efervescente de movimentações e manifestações pelo fim da Monarquia estabelecida desde a independência. A Proclamação da República foi um passo inevitável e quase natural para os militares que fizeram com que a Monarquia brasileira fosse dissolvida e a família real deportada para Portugal. Um passo importante para a “evolução” do país em termos sociais e econômicos foi dado em meio a discordâncias e incertezas sobre a organização e funcionamento do novo regime político. Deodoro da Fonseca foi o nome mais importante nesse processo de revolução, tornou-se o primeiro presidente da República do Brasil e governou até 1891. Castro (2000) afirma que a população brasileira assistiu a tais acontecimentos de maneira indiferente. Os jornais logo se encarregaram de propagar a notícia, o que se evidencia na primeira página do *Diário de Pernambuco* veiculado no dia 17 de novembro de 1889.



Figura 1: Telegrama noticiando a posse presidencial de Deodoro da Fonseca.

A notícia da “posse” presidencial de Deodoro da Fonseca é aqui anunciada em um telegrama, meio pelo qual as notícias eram transmitidas de forma mais concisa nas versões iniciais dos jornais. Segundo Pessoa (2002), os telegramas fazem parte de uma linha evolutiva que começa nas cartas e termina no que hoje conhecemos por manchetes nos jornais. O gênero telegrama jornalístico, durante a tendência telegráfico-informativa do jornalismo, estava contido no acervo da memória cultural da comunidade para atingir uma determinada finalidade comunicativa (KABATEK, 2003). Os telegramas serviram como referência comunicativa para uma sociedade que, na década de 1890 do século XIX, presenciou crises e conflitos que mudaram a história do país, a exemplo da abolição da escravidão e a proclamação da República. Observamos a seguir a transcrição do telegrama, segundo os parâmetros sugeridos por Guedes e Berlink (2000):

RIO de JANEIRO, 16 de Novembro, ás | 11 horas da manhã. || Foi publicada a proclamação do governo| provisorio, sendo chefe do mesmo governo | o general Deodoro da Fonseca. || Organiza-se um ministerio que ficou | composto assim: || Ministro da agricultura, Demetrio Ri-| beiro; (...)

A continuação do texto descreve os ministérios e seus respectivos representantes. Apesar de este telegrama ainda não retratar a concisão que hoje vemos nas manchetes, não podemos negar o processo de síntese do conteúdo, considerando evidentemente os moldes textuais do século XIX, com textos inteiros que ocupavam sequências de colunas e de páginas, e, por vezes, continuavam no número seguinte do jornal. A construção sintática marcada por enunciados mais curtos, menos labirínticos, um estilo mais simplista e telegrafês, com o emprego predominante da impessoalidade por meio da voz passiva analítica e sintética (Foi publicada; organiza-se), como também de oração com o emprego do gerúndio (... sendo chefe do mesmo governo...) constituem a objetividade enunciativa.

O texto ocupa um lugar de destaque na capa: o canto superior esquerdo, ou seja, a zona ótica primária, que retém em primeiro lugar a atenção do leitor (ARNOLD, apud BAHIA, 1990). Podemos verificar também os incipientes recursos epilinguísticos utilizados para atrair o leitor: o negrito, as letras em caixa alta e em tamanho diferenciado.

Apesar de não se tratar de uma informação “surpreendente”, visto que a população, como já comentamos, esperava por essa notícia, notamos que a ênfase da informação está no nome do chefe do governo e de seus ministros.

Com uma diagramação bastante parecida com a das primeiras edições, de aproximadamente sessenta anos antes, esta capa do *Diario de Pernambuco* ainda não apresenta manchetes, mas possui elementos que se fixaram até os dias atuais, como o indicador de data na parte superior. Um diferencial dos jornais povoados pelos telegramas nos séculos anteriores é o indicador da hora, que confere mais exatidão ao que está sendo noticiado. É um exemplo de capa que se encontra na primeira fase identificada por Travassos (2010), na qual há o predomínio do texto escrito. Vejamos o exemplo seguinte.

2.2 *Diario de Pernambuco*: 30 de novembro de 1930

Getúlio Vargas é, sem dúvida, uma das figuras mais polêmicas a assumir a presidência do Brasil. Eternizado como “o pai dos pobres”, foi presidente do país duas vezes, tendo o primeiro mandato com duração de quinze anos. A Era Vargas foi marcada por uma série de restrições dirigidas à imprensa, com a qual o presidente sempre teve uma relação conflituosa; importantes jornais foram fechados, outros foram radicalmente alterados e estavam sob constante vistoria. Nessa época, consolidava-se um elemento característico da produção cultural das décadas seguintes: a censura. A população, desunida e desarticulada, assistiu a tudo isso sem maiores manifestações, uma vez que, devido ao estado de sítio decretado pelo Congresso Nacional, o governo pode reprimir toda e qualquer manifestação que o desagradasse. Na capa do *Diario de Pernambuco* veiculado no dia 30 de Novembro de 1930, observamos que as manchetes evidenciam traços da repressão e da resistência que perdurariam por mais de cinquenta anos.

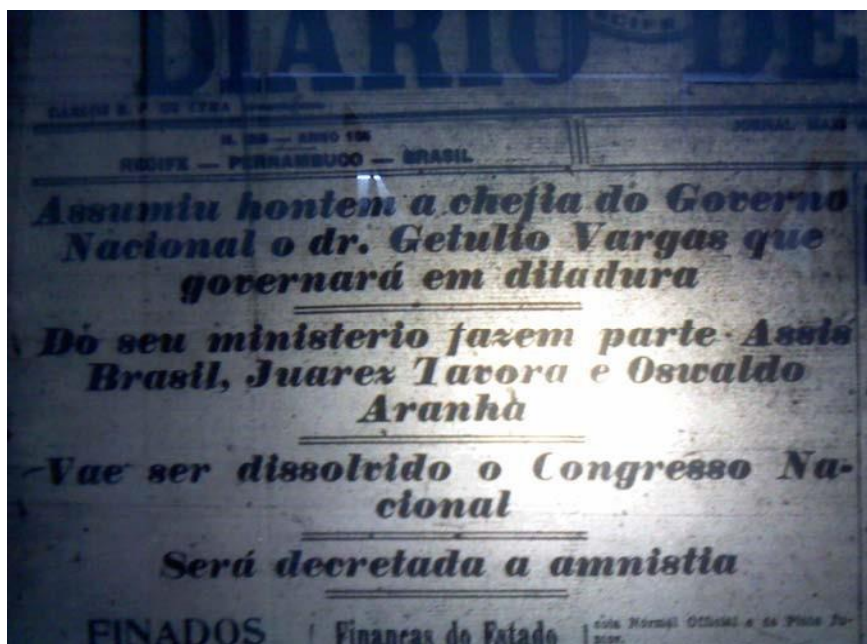


Figura 2: sequência de manchetes sobre a posse do Governo Vargas.

É datado dessa época o início da resistência jornalística, tendo surgido com os primeiros indícios de censura:

É das represálias ao livre exercício da opinião, das cinzas do incêndio das redações, do empastelamento dos parques gráficos de numerosos jornais, das prisões e dos processos que retiram jornalistas da circulação por ordem do governo, que nasce uma imprensa mais consciente do seu papel, mais resistente às pressões oficiais. (BAHIA, 1990, p.209)

Nesse exemplo, parece imperceptível a resistência apontada por Bahia na capa do periódico em questão, uma vez que, além de evidenciar a posse do novo presidente, dá ênfase também às primeiras medidas que serão tomadas. Considerando a não neutralidade da relação entre os gêneros e o suporte, o destaque dado a essa notícia converge para o comprometimento do *Diário de Pernambuco* com a imagem positiva de Vargas. Do ponto de vista epilinguístico, os recursos utilizados para atingir o realce intencionado pelo periódico são bastante limitados, tendo em mente os parâmetros atuais. Cada manchete da sequência está separada por linhas duplas. As manchetes são destacadas apenas com itálico e negrito, mas, por outro lado, estão situadas em um local de destaque na diagramação da primeira página: na zona ótica primária, que retém em primeiro lugar a atenção do leitor, como ocorreu com o exemplo anterior. Esse realmente parece ser um lugar privilegiado na capa, pois normalmente é ocupado pelos gêneros que têm a incumbência de atrair o interesse dos leitores.

Do ponto de vista linguístico-discursivo, os enunciados mantêm o traço da concisão, da objetividade e da impessoalidade, inclusive com o corte do uso de adjetivos. As manchetes estão dispostas em uma sequência temporal marcada, entre outros elementos, pelo tempo verbal. Na oração principal da primeira manchete, escrita em ordem indireta (verbo + complemento + sujeito), o verbo e o advérbio de tempo (assumiu e horem, respectivamente) remetem ao passado e se encarregam de destacar o acontecimento do dia anterior: a posse do presidente. Nessa mesma manchete a oração explicativa já destaca a forma de governo que será adotada, por meio da construção “governará em ditadura”. Na segunda manchete, a ênfase temporal é o presente, com a utilização do verbo “fazem”, que ressalta a composição atual do ministério do referido governo, cuja referência ocorre por meio do pronome “seu”. Na terceira e na quarta manchetes, as composições verbais “Vae ser dissolvido...” e “será decretada” apontam para ações governamentais vindouras. Podemos verificar que a sequência das manchetes não foi aleatória e, dessa forma, pode sugerir para o leitor um roteiro de cobertura completo dos acontecimentos, que pode atestar a competência jornalística do periódico e a sua linha editorial. De acordo com Faria (2001), a manchete é constituída pela notícia entendida pela redação como a mais importante da edição, contribuindo também para que o leitor crítico possa criar uma imagem da identidade do jornal ou de sua linha de informação.

A capa em questão enquadra-se na segunda das quatro fases de transformações em função das mudanças observadas. Percebemos exatamente uma preocupação com a ordenação e com a hierarquização da informação. Travassos (2010) afirma que tais mudanças ocorreram em um processo lento e que essa segunda fase se caracterizou pela

valorização das notícias e aparecimento das primeiras reportagens, imagens e manchetes. De fato, dentre as marcas presentes no exemplo acima, podemos observar um afastamento das formas do telegrama e uma aproximação com o que hoje conhecemos por manchetes. Atualmente elas são trechos breves e objetivos das notícias da primeira página, localizadas estrategicamente na parte mais visível da capa do jornal, com a intenção de chamar a atenção do leitor e de informá-lo sobre o assunto tratado.

2.3 *Diario de Pernambuco*: 15 de março de 1985

Nesse ano, o Brasil passava por um momento de transição histórica. A vitória de Tancredo Neves, em 15 de janeiro de 1985, marcava o fim de mais de 20 anos de regime militar no país. O então ex-governador de Minas Gerais representava um arauto de esperança para uma população que sobrevivera a décadas de repressão. Porém, a tão esperada posse nunca ocorreu. No dia 14 de março, véspera de assumir o cargo, Tancredo teve de ser operado às pressas em Brasília. Esse era o início de um pesadelo que exigiria outras intervenções cirúrgicas e se estenderia até sua morte, em 21 de abril do mesmo ano. Os jornais registraram a incerteza e a agonia vivenciadas pela sociedade. A figura a seguir mostra a capa do *Diario*, que deveria anunciar a posse presidencial, mas que se converteu num conjunto de textos que abordavam temáticas relacionadas à manchete abaixo:



Figura 3: manchete sobre transição de Tancredo para Sarney

Nessa capa, encontramos uma nota da redação informando ao leitor a provisoriade da manchete. O comunicado explica que, até o horário de fechamento da edição do jornal, as notícias sobre o estado de saúde do presidente eleito eram poucas e desconstruídas. Por esse motivo, as alterações no conteúdo se restringiram apenas à primeira página, permanecendo o restante do jornal focado na posse de Neves, com mensagens de patriotismo, esperança e otimismo oriundas da redação, de patrocinadores

e de empresas privadas, além de matérias e reportagens analisando o impacto da sucessão presidencial em diversas áreas (esportes, cultura, educação, saúde, economia, etc.). O fato de a primeira página trazer uma manchete que ainda não retrata a realidade dos fatos (a transmissão do cargo para Sarney) evidencia, tanto pela intenção comercial, quanto pelo teor da manchete, elaborado em uma linguagem direta, um tom sensacionalista, que caracteriza as capas pertencentes à terceira fase.

A manchete foi construída com duas orações curtas, contendo três palavras cada. Na primeira frase, que é nominal, a ênfase está no sujeito (Tancredo) e na sua condição de “operado”. Na segunda frase, que é verbal, a inversão da ordem, colocando o verbo no início e o sujeito depois (Assume José Sarney), põe em evidência a ação de que o cargo será assumido pelo vice-presidente eleito. Para chegar à concisão das manchetes, o procedimento frequentemente adotado é a construção de enunciados à base de substantivos e verbos e com o emprego diminuto de adjetivos, advérbios e demais grupos de palavras.

A principal marca de permanência contida na imagem acima pode ser associada à fotografia. Na periodização proposta por Travassos (2010), a capa em questão apresenta as tendências jornalísticas da terceira fase, pelos comentários já feitos e pela valorização das imagens, da diagramação e das influências de outros meios de comunicação, como a televisão. Podemos observar, na capa acima, que a fotografia exerce função informativa igual ou superior à da manchete. A foto em questão, em preto e branco, é de alguns ministros do novo governo, aparentemente preocupados, se dirigindo à Brasília. A legenda da foto nos dá um panorama dessa situação, acrescentando que, naquele momento, a maior preocupação do presidente eleito seria que o antigo presidente, João Figueiredo, se recusasse a transmitir o cargo ao então vice e futuro presidente José Sarney. Para Sontag (2005), a fotografia colabora com a credibilidade da notícia. Fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos, parece comprovado quando nos mostram uma foto. Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu.

É necessário neste momento introduzir a noção básica de multimodalidade presente nos gêneros jornalísticos. Segundo Travassos (2010, p. 122), “Diante da concorrência agressiva dos veículos de comunicação de massa, as grandes manchetes e ilustrações passaram a ser uma estrutura motivacional, na qual as imagens apoiam as palavras, transmitindo ao leitor uma sensação de realidade”.

A diagramação nessa fase também é muito importante, ela colabora para deixar o jornal mais atraente para a venda. A partir da década de 50, a fotografia passou a aparecer com frequência nas capas dos jornais brasileiros, sendo hoje alvo de tanto empenho e preocupação quanto as notícias e modificando as práticas de leitura.

No artigo intitulado “Gêneros multimodais e multiletramento”, Dionísio (2005) discute que os nossos hábitos de leitura estão sendo reelaborados constantemente. A autora explica que não atrela à concepção dos gêneros textuais multimodais aspectos meramente visuais como fotografias, desenhos, caricaturas, mas também a própria disposição gráfica do texto no papel ou na tela do computador. Para ela, “[...] quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de

representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações etc.” (DIONÍSIO, 2005, p. 161). Sendo assim, outros recursos gráficos mais incipientes, como o negrito e o tamanho das letras também constituem a multimodalidade dos gêneros. Mas não podemos negar que a inclusão dos aspectos visuais provocou outras implicações cognitivas no ato da leitura dos jornais. A quebra da linearidade que predominava na diagramação do jornal em colunas seguidas, com a introdução dos aspectos visuais, sem dúvida, provocou a reelaboração dos hábitos de leitura dos periódicos, imprimindo outro ritmo e outras estratégias de compreensão e de construção de sentido dos textos.

2.4 *Diário de Pernambuco*: 02 de janeiro de 2011

Dilma Rousseff foi a primeira mulher a assumir a presidência do país. Se pesquisássemos, junto à população, os nomes dos presidentes da República mais recordados, sem dúvida, os quatro nomes que figuram neste artigo estariam entre os mais citados. No contexto histórico do século XXI, o Brasil desenvolveu-se social e economicamente e possui o sistema de votação mais avançado do mundo. Os jornais, por sua vez, gozam e apresentam autonomia e liberdade de expressão, mantendo a função de portadores e formadores de opinião. No exemplo seguinte, temos a manchete da primeira página que divulgou a posse histórica da atual presidente.



Figura 4: Manchete da posse da presidente Dilma Rousseff.

Sob a alcunha de “A dona da história”, Dilma Rousseff é elevada à posição de heroína. É adicionada uma legenda que transmite uma ideia de coragem e de carinho para retratar o perfil feminino. A manchete é construída com elementos linguísticos nominais, com destaque para o termo “HISTÓRIA”. Entretanto, em uma leitura mais crítica, caberia uma indagação sobre a opção pelo termo “dona”, e não “dama”, por exemplo. Cabe ao leitor, buscar em seus conhecimentos armazenados informações que possam buscar o entendimento da opção ideológica pelo emprego do termo “dona” em detrimento da

utilização de outro vocábulo. O fato é que a escolha lexical não é aleatória ou ingênua e cabe ao leitor fazer as suas inferências.

Este exemplar da quarta e última fase da periodização das capas é marcado pela união dos gêneros jornalísticos com os gêneros digitais, gerados num contexto de constantes mudanças e informações. A amplitude da foto, o realismo das cores e a qualidade gráfica aproximam essa imagem da semelhança com a tela de um computador ou de uma TV. Segundo Travassos (2010, p. 118), o *Diario* “lançou mão das novas possibilidades e a cada exemplar, apresentou capas com um aspecto visual diferente, com manchetes sensacionalistas, com chamadas e fotos expressivas e também com gráficos, conjugando a informação com a ilustração”. Essa conjugação provoca exatamente o magnetismo gráfico-visual causado pela exposição das capas nas bancas de jornal e que atrai o leitor para a compra e a leitura do periódico.

As capas e as manchetes da atualidade expõem indícios das novas tecnologias que afetaram os meios de comunicação. Isso se reflete na capa analisada, que agora é colorida e reforçada com imagens mais elaboradas e legendas que complementam a manchete. Os jornais on-line tiveram grande papel nesse processo de modernização, inspirando os periódicos a se adaptarem a uma nova demanda de leitores.

3. Transposição para o ensino

Para uma possível transposição para o contexto escolar das discussões e reflexões feitas anteriormente, partimos da relação existente entre gênero e suporte e consideramos a relevância do contexto de produção dos gêneros jornalísticos que passaram do século XIX ao XXI, apresentando mudanças e permanências em sua constituição. A nosso ver, essa leitura diacrônica também merece um espaço entre as práticas já corriqueiras de trabalho com textos, pois conforme Rojo (2000, p. 29):

Os conteúdos indicados para as práticas do eixo do uso da linguagem são eminentemente enunciativos e envolvem aspectos como: a historicidade da linguagem e da língua; aspectos do contexto de produção dos enunciados em leitura/escuta e produção de textos orais e escritos; as implicações do contexto de produção na organização dos discursos (gêneros e suportes) e as implicações do contexto de produção no processo de significação.

Com base nessa concepção de ensino da língua(gem), procuramos ressaltar na análise e nos comentários das capas vários aspectos que podem ser trabalhados por professores e alunos na sala de aula, inclusive e fortemente, dialogando com outras áreas de conhecimento, como História. A leitura diacrônica das capas do *Diario de Pernambuco* reduz a trincheira que separa a abordagem sincrônica da diacrônica e permite a discussão e a reflexão de uma série de itens fundamentais para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos:

- uma reflexão sobre a organização morfológica, sintática e semântica dos textos para atingir uma determinada finalidade comunicativa dentro e fora do suporte;

- uma reflexão sobre a grafia das palavras, sobre a pontuação e a adequação vocabular e suas implicações na construção do sentido do texto;
- uma reflexão sobre as características de uso da língua e de elaboração dos textos em diferentes momentos históricos;
- a identificação dos recursos multimodais presentes nos textos de diferentes épocas impulsionados pela dinâmica tecnológica;
- o entendimento de que a língua e os textos acompanham os processos de transformação sócio-histórica da sociedade, que se configuram nos múltiplos letramentos.

Esta abordagem, bem como outras nesse âmbito, constituem uma oportunidade de unir as pesquisas sócio-históricas da língua e dos textos ao contexto escolar. Seria interessante para os alunos a descoberta de outras maneiras como os jornais anunciaram importantes fatos históricos e, ao mesmo tempo, terem noções das mudanças e permanências na língua e no texto, sendo revelados aspectos importantes da história do português brasileiro, abrindo-se, com isso, a possibilidade de novas abordagens interdisciplinares referentes ao assunto, visando ao constante (re)fazer investigativo e pedagógico.

4. Considerações finais

O jornalismo impresso, desde suas primeiras versões, manteve comprometimento com a formação da opinião dos leitores. Todas as alterações linguísticas e epilinguísticas ocorridas ao longo dos anos e evidenciadas em suas páginas reforçaram esse propósito. De tal forma, os jornais colaboram com a nossa concepção e percepção do mundo e dos acontecimentos.

O *Diario de Pernambuco*, por exemplo, nas fases representadas pelas capas analisadas, utilizou os recursos gráficos e a articulação linguístico-discursiva para propagar a imagem pública dos presidentes em gêneros textuais de impacto para atrair a atenção dos leitores: o telegrama e as manchetes. Dilma Rousseff, Tancredo Neves, Getúlio Vargas e o Marechal Deodoro da Fonseca são e serão eternizados como figuras públicas marcantes na história do país. A produção jornalística exerce, desse modo, além da função informativo-social, um importante papel no desenvolvimento das práticas de leitura e escrita, que são produto cultural por excelência (TFOUNI, 2010, p. 12).

Os resultados desse estudo intentam ampliar as reflexões de pesquisas anteriores realizadas pelos autores deste trabalho e por outros pesquisadores e contribuir com as pesquisas vindouras a respeito da diacronia dos textos e das Tradições Discursivas. Com ênfase na análise de um telegrama e de três manchetes veiculados nas primeiras páginas do *Diario*, foi possível verificar que, no percurso histórico da capa desse jornal, traços foram modificados e outros permaneceram. A capa do jornal configura-se como uma Tradição Discursiva, reconhecida historicamente pela sociedade. Ela abriga outras Tradições Discursivas, a exemplo dos telegramas e das manchetes, também com reconhecimento histórico. Neste contexto telegramas e manchetes foram abordados como elementos constitutivos das capas. Esses gêneros, por sua vez, abrigam outros níveis de

Tradições Discursivas. Neste trabalho, o enfoque das Tradições Discursivas limitou-se ao nível dos gêneros textuais. A partir desse recorte, a contraparte da reflexão recaiu sobre a possibilidade de transposição para o ensino deste e de outros estudos voltados para a leitura diacrônica dos textos. É evidente que a discussão poderá ser ampliada, mas ficam nestas páginas os passos dados nesse sentido até o momento. E a estrada continua.

5. Referências bibliográficas

BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, A. Tradições discursivas e tratamento de *corpora* históricos: desafios metodológicos para o estudo da formação do português brasileiro. In: LOBO, Tânia et. al. (Orgs.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, Tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

CASTRO, C. **A Proclamação da República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DIONISIO, A. P. Gêneros Multimodais e Multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. União da Vitória: Kaygangue, 2005, p. 159-173.

FARIA, M. A. Manchetes e títulos no jornalismo impresso brasileiro: o dito e o não dito. In: AZEREDO, J. C. (Org.) **Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

GOMES, V. S. **Traços de mudança e de permanência em Editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido**. Berlim: De Gruyter, 2010.

GUEDES, M.; BERLINK, R. de A. (Ed.). **E os preços eram commodos...** Anúncios de jornais brasileiros século XIX. São Paulo: Humanitas, 2000.

KABATEK, J. Como Investigar las Tradiciones Discursivas Medievales? El ejemplo de los textos jurídicos castellanos. In: JACOB, D. e KABATEK, J. (Eds.) **Lengua Medieval y Tradiciones Discursivas en la Península Ibérica: descripción gramatical - pragmática histórica – metodología**. Vervuert: Iberoamericana, 2001, p. 97-132.

_____. **Tradiciones Discursivas y Cambio Lingüístico**. Fundación Duques de Soria. Seminário de História da Língua Espanhola “El cambio lingüístico na historia española. Nuevas perspectivas”. Soria, Del 7 a 11 de Julio de 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PESSOA, M. de B. Da carta a outros gêneros textuais. In: LAMOGLIA, M. E.; CALLOU, D. et. al. (Orgs.). **Para a história do Português brasileiro**. Notícias de corpora e outros estudos – vol. IV. Rio de Janeiro: UFRJ/FAPERJ, 197-205, 2002.

ROJO, R. Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos. In: ROJO, R. (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2000.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura. In: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização** (Coleção Questões de nossa Época: V. 15). São Paulo: Cortez, 2010.

TRAVASSOS, T. (2008), “**A imagem de Tancredo Neves no jornal Folha de São Paulo**”. *Revista Encontros de Vista*, Edição JAN / JUN – 2008. Consultado em 5 de Maio de 2012,

<http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/A_IMAGEM_DE_TANCREDO_NEVES_NO_JORNAL_FOLHA_DE_SAO.pdf>

_____. **A transformação histórica do gênero capa de jornal**. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.